



DOSSIÊ: TRADIÇÕES RELIGIOSAS ABRAÂMICAS E A QUESTÃO DA INTOLERÂNCIA

A CARTA DE JESUS A ABGAR, REI DE EDESSA

THE LETTER OF JESUS TO ABGAR, KING OF EDESSA

Cláudio Vianney Malzoni*

RESUMO

Desde seus inícios, o cristianismo chegou as regiões da Mesopotâmia dando origem a uma forma de vivência cristã bastante singular. Esse cristianismo sobrevive até os dias de hoje, tendo se espalhado também por outras áreas – inclusive no Brasil – a partir do êxodo das populações cristãs dessas regiões nas primeiras décadas do século XX. Esse cristianismo produziu uma literatura própria, tendo na *Doutrina de Addai*, um de seus textos principais. Esse escrito tem um núcleo mais antigo no qual figura a história do rei Abgar que teria escrito uma carta a Jesus e dele teria recebido uma resposta. Segundo a versão siríaca desse escrito, a resposta de Jesus teria sido oral, segundo a versão grega, teria sido escrita. O Novo Testamento, no entanto, desconhece qualquer escrito de Jesus feito de seu próprio punho. Este trabalho visa apresentar essa troca de correspondência entre Abgar, rei de Edessa, e Jesus.

Palavras-chave: cristianismo siríaco, escritos apócrifos, tradição siríaca, hermenêutica de textos antigos

ABSTRACT

Since its beginnings, the Christianity arrived the lands of Mesopotamia giving rise to a form Christian experience quite unique. This Christianity survives to this days, having also spread to others areas – including Brazil – from the exodus of the Christian population of these regions in the first decades of the twentieth century. This Christianity has produced a literature of their own, having in the *Teaching of Addai*, one of his main texts. This writing has older core in wich figure the story of King Abgar, who would have written a letter to Jesus and would have received a response of him. According to the Syriac version of this wringing, Jesus's answer would have been oral, according to the Greek version, it would have been written. The New Testament, however, ignores any writing of Jesus made by his own hand. This paper presents this correspondence between Abgar, King of Edessa, and Jesus.

Key-words: Syriac Christianity, apocriphal writings, Syriac tradition, hermeneutics of ancient texts

* Doutor em exegese bíblica pela Escola Bíblica e Arqueológica Francesa de Jerusalém. Professor e pesquisador da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). E-mail: cvmalzoni@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A figura central do Novo Testamento é Jesus Cristo. Tudo o que ali está escrito se refere primariamente, ou ao menos secundariamente, a ele. Mas permanece estranho o fato de que o Novo Testamento não traga nenhum escrito do próprio Jesus. Esse silêncio ainda se torna mais desconcertante quando se tem notícia de que Jesus sabia ler, dado que Lucas narra que certa vez, na sinagoga de Nazaré, Jesus leu uma passagem do profeta Isaías (Lc 4,16-19) e que sabia escrever, dado que no evangelho segundo João há uma narrativa de que, certa vez, no Templo de Jerusalém, Jesus abaixou-se e escrevia na terra (Jo 8,6.8).

No cristianismo siríaco mais antigo, no entanto, essa ausência não se fazia sentir já que circulava por ali uma carta escrita por Jesus a Abgar, rei de Edessa, cidade que se tornou um importante centro do cristianismo de expressão siríaca. A carta está inserida em um relato mais longo que conta o início do cristianismo na Mesopotâmia. Escrita originalmente em siríaco, essa história foi traduzida em diversas línguas e sobreviveu em duas recensões principais: em siríaco e em grego. A intenção desse trabalho é a de apresentar essas duas recensões.

A História de Abgar

Edessa foi a primeira cidade cristã da Mesopotâmia e, pela sua própria influência, contribuiu para a difusão do cristianismo no Oriente. O início do cristianismo em Edessa está envolto em lendas. Uma delas, a História de Abgar, conta como a cidade foi designada por Jesus para receber o evangelho diretamente de seus apóstolos. Essa lenda, cuja origem remonta, provavelmente, a Edessa, alcançou uma grande difusão tanto no Oriente quanto no Ocidente e, na história de sua transmissão, não deixou de receber vários acréscimos.

Os principais textos pelos quais a lenda chegou até a atualidade são a sua versão siríaca e a versão grega de Eusébio de Cesareia († 339), feita diretamente do siríaco e que apresenta um texto mais antigo. Ele a incluiu em sua *História eclesiástica* I,13, uma obra completada pelos anos 324 ou 325 (DUVAL, 1892, p. 81-82). A versão siríaca, com vários acréscimos, forma a primeira parte de um escrito siríaco que tem como título *Doutrina de Addai*, do início do século V, ou anteriormente segundo alguns estudiosos que a fazem remontar ao século IV ou ao final do século III (SEGAL, 1970, p. 62).

O texto grego, incluindo a carta de Abgar a Jesus e a carta de Jesus a Abgar, enquanto parte da História Eclesiástica de Eusébio de Cesareia, já se encontra traduzido ao português: EUSÉBIO DE CESARÉIA, **História eclesiástica**. Tradução das monjas beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000. Patrística, 15. O texto siríaco foi publicado em 1876, por George Phillips, a partir de um manuscrito pertencente à Biblioteca Pública Imperial de São Petersburgo, aparentemente do século VI (PHILLIPS, 1876, p. III). A edição de Phillips é acompanhada de uma tradução ao inglês e pode ser encontrada na internet. Em português, há ainda outra tradução da correspondência entre o rei Abgar e Jesus, sob o título “Cartas do Senhor”, integrando o volume **Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia**, organizado por Eduardo de Proença. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

A narrativa inicia com as notícias dos milagres de Jesus que se espalham e chegam a Edessa e a Abgar Ukhama, rei da cidade. De acordo com a Doutrina de Addai, Abgar enviara uma delegação que deveria se entreter com Sabino, governador romano da Palestina, Síria e Mesopotâmia, que se encontrava em Eleuterópolis. Cumprida sua missão, os membros da delegação acompanharam uma multidão que seguia para Jerusalém para ver Jesus. Eles passam treze dias na cidade e, de volta a Edessa, relatam ao rei os fatos dos quais foram testemunhas (PHILLIPS, 1876, p. 1-3).

O rei, que sofria de uma doença incurável, envia Ananias (Hannan, na Doutrina de Addai) seu mensageiro, com uma carta endereçada a Jesus:

Abgar Ukhama a Jesus, o bom médico, que apareceu no país de Jerusalém, meu senhor, saudações! Ouvi contar de ti e de tuas curas, que operas sem medicamentos nem plantas medicinais, mas que, pela tua palavra, fazes ver o cego e andar o paralítico. Tu purificas os leprosos, expulsas os espíritos impuros e os demônios, curas os possessos e ressuscitas os mortos. Assim que soube todas essas coisas a teu respeito, pus em meu espírito que ou és Deus descido do céu para realizar esses feitos, ou és o Filho de Deus, tu que fazes todas essas coisas. É por isso que te escrevo: para te pedir que venhas a mim, e me cures da enfermidade da qual sofro. Soube que os judeus murmuram contra ti e querem te fazer o mal. Eu tenho uma cidade pequena, porém bela, que é suficiente para nós dois (PHILLIPS, 1876, p 4).

Jesus lhe responde da seguinte maneira:

Feliz és tu, que creste em mim sem me haver visto, pois está escrito de mim que aqueles que me verão, não crerão em mim, e aqueles que não me verão crerão em mim. Quanto ao que me escreves de vir a ti, a obra para a qual fui enviado aqui está desde agora acabada e vou subir novamente a meu Pai, que me enviou. Assim que tiver subido novamente a ele, enviar-te-ei um de meus

discípulos que curará a enfermidade que sofres e cuidará para que alcanceis a vida: tu e os teus. A cidade será abençoada e nenhum inimigo voltará a dominá-la para sempre (PHILLIPS, 1876, p. 4-5).

O texto da carta nas versões de Eusébio e na Doutrina de Addai não é idêntico. As adições, aqui e acolá, são mais abundantes nesta última (DUVAL, 1892, p. 82-85). De sua parte, Eusébio afirma que as cartas foram traduzidas diretamente de documentos que se encontram nos arquivos reais de Edessa, mas sua fonte pode ter sido o escrito *Atos de Tadeu*, composto em siríaco, provavelmente em finais do século III e que também se refere aos arquivos reais de Edessa, com grande semelhança de termos (SEGAL, 1970, p. 62). Enfim, se em Eusébio a resposta de Jesus é dada por escrito, na Doutrina de Addai ela é simplesmente oral, certamente para evitar a objeção de que uma carta de Jesus, se fosse autêntica, deveria figurar em primeiro lugar entre os escritos do Novo Testamento.¹

O relato segue contando que depois da ascensão de Jesus, o apóstolo Judas Tomé (ou Tomé, segundo a Doutrina de Addai) envia Tadeu, um dos setenta discípulos (ou Addai, segundo a Doutrina de Addai) a Edessa. Ao chegar à cidade, ele se hospeda na casa de um judeu chamado Tobias, filho de Tobias.² Ele se apresenta ao rei e o cura de sua enfermidade. Em seguida, anuncia o Cristo a todos os habitantes de Edessa – pagãos e judeus – reunidos por ordem do rei, e um grande número deles se converte (PHILLIPS, 1876, p. 5-10).

O relato de Eusébio termina aqui e ele o situa no ano 340 dos Selêucidas, isto é, o ano 29 da era cristã, a data antiga da paixão. A Doutrina de Addai situa o mesmo relato no ano 343 dos selêucidas, ou 32 da era cristã, a data da paixão que passou a prevalecer depois dos tempos de Eusébio.

A Doutrina de Addai continua contando os feitos de Addai em Edessa e o progresso das conversões: de sacerdotes pagãos, de judeus da cidade, e enfim de toda a província e regiões adjacentes. Em Edessa, Addai vai formar um pequeno grupo de discípulos que ele instrui a respeito do Antigo e Novo Testamentos. Eles dirigem a igreja construída por Addai, à qual o povo vem em massa para a leitura do Antigo Testamento e do Diatessaron.³ Outras igrejas vão

¹ Percebe-se, de maneira muito clara, que o vocabulário da carta revela uma dependência da terminologia do evangelho segundo João.

² Também aqui percebe-se a influência de um escrito bíblico, neste caso, do livro de Tobias, que, embora ausente da Bíblia Hebraica, seria conhecido do cristianismo siríaco mais antigo.

³ O Diatessaron ou Harmonia siríaca dos evangelhos foi uma composição de Taciano, redigida na segunda metade do século II. O nome Diatessaron é grego e significa “através de quatro”, pois pensava-se que Taciano teria juntado os quatro evangelhos canônicos para compor sua harmonia evangélica. Não está descartado, no entanto,

sendo construídas nas vizinhanças e o cristianismo penetra as regiões da Assíria. A pedido de Narsai, rei dos assírios, Abgar lhe envia um relato escrito com detalhes de sua conversão (PHILLIPS, 1876, p. 33-36).

Passados alguns anos, Addai adoece e, presentindo a proximidade da morte, estabelece Aggai como responsável pela igreja de Edessa em seu lugar. Em suas últimas instruções, ele recomenda a seus discípulos que se leia, na igreja, a Lei, os Profetas, o Diatessaron, as epístolas de Paulo, que Simão Pedro lhe enviara de Roma,⁴ e os Atos dos Doze Apóstolos, que João, filho de Zebedeu, lhe enviara de Éfeso. Após sua morte, é sepultado no mausoléu dos ancestrais de Abgar, rei da cidade (PHILLIPS, 1876, p. 38.44-47).

Depois da morte de Abgar, um de seus filhos chamado Severo, que não se convertera ao cristianismo, envia uma ordem a Aggai para que lhe faça diademas de ouro. Como este se recusa, ele manda quebrar suas pernas. Aggai vem a morrer sem ter tempo de impôr as mãos sobre Palut, que ele próprio designara como seu sucessor. Palut vai, então, a Antioquia, onde é consagrado por Serapião, bispo da cidade, que recebera a imposição das mãos de Zeferino, bispo de Roma, sucessor de Pedro.

A Doutrina de Addai termina com a declaração de que os *Atos de Addai, o apóstolo*, foram redigidos por Labubna, escriba real e selados por Hannan, o tabulário do rei, que os depositou nos arquivos reais de Edessa (DUVAL, 1892, p. 84-89). A razão de ser do título desse escrito está justamente em que, após narrar a conversão de Abgar, o relato continua, contando os ensinamentos – a doutrina – de Addai (HOWARD, 1981, p. VII).

O legendário e o histórico

Toda a história tem um caráter legendário que se percebe claramente nos vários anacronismos presentes no texto. Seu ponto central é a carta de Jesus a Abgar. E mesmo a carta de Abgar a Jesus pode ter sido composta com a finalidade de proporcionar um contexto para a carta de Jesus. A menção mais antiga dessa história remonta somente aos tempos de Eusébio, embora

que o autor também tenha utilizado, em sua composição, relatos tomados de outros evangelhos não canônicos, em circulação na época. Sobre essa obra e as muitas harmonias evangélicas que dela derivam pode-se ver: C. V. MALZONI. **Jesus: Messias e vivificador do mundo**: Jo 4,1-42 na antiga tradição siríaca. Paris: Gabalda, 2005; p. 40-55.

⁴ A recomendação revela o conhecimento de uma tradição que estabelece uma ligação entre Simão Pedro e o epistolário paulino. Essa tradição pode provir de 2Pd 3,15-16, muito embora a Segunda Carta de Pedro não fizesse parte do antigo cânon da Pechita, a mais importante versão da Bíblia ao siríaco.

este reenvie às origens siríacas do relato. Mas quanto de histórico pode haver escondido nas entrelinhas dessa lenda ou mesmo desse conjunto de lendas a respeito das origens do cristianismo em Edessa?

Primeiramente, quanto às personagens do relato, aparece a figura do apóstolo Tomé, a quem a tradição atribuiu a evangelização de um vasto território: da região dos partos, em cuja área de influência se encontrava Edessa no início da era cristã, em direção à Índia. Na lenda da conversão de Abgar, Tomé ocupa um papel importante. Antes de mais nada, o início da carta de Jesus reenvia a Jo 20,29: “Porque me viste creste. Felizes os que não viram e creram”, que, nesse evangelho, Jesus diz a Tomé. Depois, quem envia um emissário ao rei Abgar é Tomé, segundo a Doutrina de Addai, ou Judas Tomé, segundo Eusébio. Mas daí para frente, Tomé já não aparece, nem desempenha um papel ativo na evangelização da cidade. Talvez, sua menção no início da lenda pode ser creditada à referência a Jo 20,29, uma importante chave de leitura de toda a história.

Na verdade, a evangelização de Edessa é atribuída a uma personagem chamada Addai, ou Tadeu, segundo Eusébio. Addai, provavelmente tenha sido uma personagem histórica e há notícia de que também tenha sido ele o evangelizador da Adiabene. Ele teria vivido no final do século I ou início do século II. Addai, entretanto, passou desconhecido pela igreja grega, o que proporcionou sua identificação com Tadeu, um dos Doze, embora Eusébio o apresente como um dos Setenta. Tadeu, que aparece como um dos Doze em Mc 3,18 paralelo a Mt 10,3, é identificado com Judas, filho (ou irmão ?) de Tiago, da lista dos Doze de Lc 6,16 e At 1,13 e com Judas em Jo 14,22. Por sua vez, o nome Judas também está associado ao nome de Tomé. Os Atos de Tomé, compostos provavelmente em siríaco, chamam o apóstolo sempre de Judas Tomé.⁵ O Diário de Egéria, ao mencionar Edessa, não se refere nem a Addai, nem a Tadeu, e Tomé é apresentado como o evangelizador da cidade.⁶ Ao final, o que haveria seria a identificação de Tomé, evangelizador dos partas, medos e povos do Oriente, com Addai, evangelizador da Adiabene e de Edessa. Assim, seria possível distinguir três estágios na

⁵ Os *Atos de Judas Tomé* (apócrifo) narram o trabalho evangelizador do apóstolo Judas que seguindo para o Oriente chegou até a Índia. Seu texto em inglês pode ser encontrado em **Apocryphal Acts of the Apostels**. Volume II (1871); p. 146-298, disponível na internet em http://www.tertullian.org/fathers/apocryphal_acts_07_judas_thomas.htm Acesso em 15 Out 2015.

⁶ Há uma edição em português do Diário de Egéria: **Egéria: viagem do Ocidente à Terra Santa, no séc. IV**. Tradução de Aires A. Nascimento e Alexandra B. Nascimento. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

identificação do missionário evangelizador de Edessa: (1) Addai que teria se tornado (2) Tadeu, que se teria se tornado (3) Tomé, sendo que o nome Judas faria o contraponto entre eles.

Quanto ao rei da cidade, segundo Eusébio, ele se chama Abgar Ukhama, isto é, o negro, que reinou nos tempos de Jesus. Mas isso não seria mais que uma nova confusão de nomes e personagens. O modelo inspirador da história da conversão de Abgar parece se encontrar na história da conversão ao judaísmo de Ezad, rei da Adiabene, uma história famosa por aqueles tempos, contada por Flávio Josefo (*Ant.* XX, 2,1-5).

Ezad fora enviado por seu pai à casa real de Spasinou Charax. Essa cidade, cujo nome semítico era Karkha de Maishan, capital da Mesena, foi um importante porto no Golfo Pérsico para produtos vindos da Índia em direção ao Ocidente. Após a morte de seu pai, Ezad retornou para reinar sobre a Adiabene. Enquanto esteve em Spasinou Charax, Ezad foi convertido ao judaísmo por um mercador judeu chamado Ananias, que o acompanhou em sua volta à Adiabene. Lá, e aparentemente de maneira independente, também sua mãe, Helena, havia se convertido ao judaísmo. Apesar da opinião contrária de sua mãe e de Ananias, Ezad se fez circuncidar. Como rei, ele prosperou, embora tenha enfrentado a oposição da nobreza local, hostil à sua conversão ao judaísmo. Mas logo ele viria a falecer e, pouco depois, também sua mãe. Num gesto de piedade, ambos foram sepultados em Jerusalém.

O início do reinado de Ezad na Adiabene se deu em 36 d.C. Ele foi, portanto, contemporâneo de Abgar Ukhama. O nome do comerciante responsável pela conversão de Ezad ao judaísmo é Ananias (Hannan, em siríaco), o mesmo do emissário das cartas entre Jesus e Abgar. A influência da figura de Helena da Adiabene também pode ser encontrada na versão siríaca da descoberta da cruz, uma das lendas incorporadas à Doutrina de Addai, segundo a qual, a cruz de Jesus teria sido descoberta por Protonice, esposa do imperador Cláudio. A ponte entre Helena da Adiabene e Protonice é dada por Helena, mãe de Constantino, protagonista na versão latina da descoberta da cruz.

Mas apesar de seu caráter legendário e das diversas fontes de inspiração possíveis de serem identificadas em seu substrato, a história da conversão de Abgar apresenta algo de confiável no tocante às origens e avanço do cristianismo na região da Mesopotâmia. A narrativa vem de um tempo em que a monarquia era ainda popular em Edessa (SEGAL, 1970, p. 65-70). Mas o rei em questão não seria Abgar Ukhama, que reinou sobre a cidade de 4 a.C. a 7 d.C, e, novamente, de 13 d.C a 50 d.C. (HOWARD, 1981, p. VII), mas Abgar, o Grande, que reinou do fim do

século II ao início do século III, também ele filho de um Ma'nu, como Abgar Ukhama. O rei dos assírios, na narrativa, é Narsai e não Ezad. E nos tempos de Abgar, o Grande, o rei da Adiabene se chamava Narseh.

Abgar, o Grande, deve ter sido um rei tolerante em relação aos cristãos, mas não necessariamente um convertido à nova religião. Por outras fontes, ele é conhecido como um homem erudito e piedoso, mas nunca como um cristão. Amigo do filósofo Bardesanes († 222), ele mesmo foi um homem de cultura e aberto ao mundo: em sua própria cidade recebeu embaixadores da Índia e do Oriente e, já no fim de sua vida, empreendeu uma viagem a Roma. Foi ele quem proibiu a prática da castração em Edessa. Mas as razões de sua tolerância para com os cristãos, também podem esconder motivos de ordem político-diplomáticas.

Um ponto que permanece obscuro na história de sua conversão é de que enfermidade teria sido curado por Addai. A lenda, na verdade, toca em um tema importante para as igrejas siríacas: a doença como fonte de ansiedade e a capacidade de curá-la como um dom de Deus. Onde Jesus aparece como o *bom salvador* na versão grega, na Doutrina de Addai há *bom médico*. Desde os primeiros tempos do cristianismo na Síria-Mesopotâmia, o cuidado para com os doentes era visto como uma obra de grande importância e muitos foram os cristãos que se dedicaram à medicina. As igrejas e mosteiros tinham, em geral, uma enfermaria. Em Beth Lapat, na Mesopotâmia, floresceu uma escola cristã de medicina. A corte persa procurava seus médicos entre os cristãos, um costume que continuou nos tempos dos califas. De Efrém é dito que, no fim de sua vida, passou a dedicar-se aos pobres e doentes. O bispo Nono, de Edessa, pelos meados do século V, teria estabelecido na cidade um hospital para leprosos. Em Edessa, pode-se dizer que a preocupação com a saúde remonta aos tempos anteriores ao cristianismo, com as duas piscinas de água corrente com seus peixes sagrados. Fora dos muros da cidade, havia um poço, posteriormente chamado de Poço de Jó, nas proximidades do qual foi erigida uma igreja dedicada aos santos Cosme e Damião, dotada de uma enfermaria e de um albergue. A crença nas propriedades terapêuticas das águas desse poço continuaram pelos séculos afora.

Ora, quanto à enfermidade de Abgar, se ela não é especificada nas versões mais antigas da narrativa de sua conversão, nos tempos posteriores não faltaram aqueles que a quiseram identificar. No século VI, Procópio a identificou com a gota, a mesma enfermidade de 'Abdu, também curado por Addai. Outros, compreendendo o nome Abgar Ukhama de maneira simbólica, propuseram diversas identificações. Em Ukhama, negro, alguns viram um

eufemismo para a lepra, outros para a cegueira, ainda mais pela visão no rosto de Addai, que somente Abgar pôde ver. J. B. Segal identifica esta enfermidade com um tipo de paralisia. Ele vê no nome Abgar uma semelhança com a raiz BGR, *fechar*, em paralelo com o nome do imperador romano Claudius e o verbo *claudio*, com o mesmo significado (1970, p. 70-73).

Nas porções próprias à Doutrina de Addai, aparecem Palut, contemporâneo do apóstolo Addai, no século I, por quem foi ordenado presbítero, e Serapião, bispo de Antioquia entre 190 e 220, de quem Palut recebeu o episcopado. A finalidade da lenda não é outra que vincular a origem da igreja de Edessa aos apóstolos e à igreja de Roma. É possível que Palut, o sucessor de Aggai, também tenha sido uma personagem histórica, dos tempos de Abgar, o Grande, (179-216). Admirador de Roma, Abgar deu a seus filhos nomes de imperadores romanos. Na lenda, o rei que mandou matar Aggai se chamava Severo. Ele reinou depois de Abgar e se tornou conhecido por sua crueldade.

Quanto à sua origem, a narrativa remonta aos meados do século III e não pode ser posterior a esse século, pois Eusébio a apresenta como uma tradição oficial e atestada. Talvez as cartas de Jesus e de Abgar tenham uma origem independente e anterior (DUVAL, 1892, p. 89-91). A história da conversão de Abgar e, especialmente, sua correspondência com Jesus, encontrou uma ampla difusão, tendo sido traduzida em armeno, latim, grego, árabe, persa, copta, e ainda em outras línguas.

Quanto à carta de Jesus, ela foi declarada apócrifa pelo Decreto Gelasiano,⁷ o que não impediu que se tornasse conhecida, tanto no oriente quanto no ocidente. Efrém nenhuma vez se refere a ela. Com o passar do tempo, alguns acréscimos foram feitos, o mais importante dentre eles foi a bênção de Jesus para a cidade, com uma promessa de invulnerabilidade, ausente da versão de Eusébio. Esse acréscimo deve ter sido feito por volta do início do século V, já que aparece em uma carta endereçada a Agostinho, datada de 429; é conhecida de Jacó de Sarug, e das crônicas de Josué, o estilista, que considera sua eficácia por ocasião da retirada do cerco de Kawad, rei da Pérsia, sobre a cidade, em 503. Também Egéria, em seu diário, se refere à carta de Jesus, à bênção sobre a cidade e a sua eficácia.

⁷ O chamado *Decreto Gelasiano* contém um elenco de escritos apócrifos atribuído ao papa Gelásio (492-496), entre os quais figura os *Atos de Tomé*. Esse elenco pode ser consultado em H. ALVES. **Documentos da Igreja sobre a Bíblia (160-2010)**. Fátima: Difusora Bíblica, 2011. 2. ed. corrigida e aumentada; p. 102-105.

As condições históricas de um tal acréscimo podem ser encontradas a partir da queda de Nisibe, em 363, em mãos dos persas. Edessa se tornou, então, um dos bastiões mais a leste do Império Bizantino, próxima à linha de combates com os persas. Por outro lado, o *Romance de Juliano* traz a notícia de uma bênção enviada a Edessa pelo imperador Constantino, mas depois retirada pelo imperador ariano Valens (361-363).

A carta de Jesus foi gravada nas portas de Edessa, talvez na segunda metade do século V. Ela foi encontrada igualmente nas portas de Filipos, na Macedônia, e ainda inscrita em papiros, pergaminhos e ostraca, em diversos idiomas orientais e da Europa medieval (SEGAL, 1970, p. 73-76).

Considerações finais

Para além do que possa ou não haver de verídico na história de Abgar, resgatar essa história é resgatar alguns traços fundamentais do cristianismo siríaco e, porque não dizer, do próprio cristianismo. Entre esses traços, cabe ressaltar o gosto pelo gênero literário do romance histórico. Esse gênero literário consiste em construir narrativas edificantes emolduradas por personagens e situações históricas. Tal gênero literário é encontrado na Bíblia em livros como os de Rute, Tobias, Judite e Ester.

As mensagens enviadas por Abgar para Jesus e por Jesus para Abgar também guardam seu encanto. De modo especial, fica o convite feito por Abgar a Jesus para que venha a sua cidade. Escreve ele que a cidade é pequena, mas é bela, e o suficiente para abrigar a ambos. Foi dessa maneira que a cidade de Edessa acolheu, algum tempo depois, os discípulos de Jesus que para ali vieram anunciar o evangelho.

Hoje, quase dois milênios depois, os fatos parecem desconstruir a lenda. A região da Mesopotâmia tornou-se pequena para os cristãos e muitos irmãos muçulmanos, que têm que fugir de uma situação de guerra que já dura algumas décadas e vai se alastrando de um país a outro. Oxalá as palavras do rei Abgar possam ser novamente repetidas na Europa, para onde vão muitos refugiados, no Brasil e outros tantos países para os quais muitos deles ainda se dirigem e enfim na própria região da Mesopotâmia, uma das principais fontes de nossa civilização.

REFERÊNCIAS

- ALVES, H. **Documentos da Igreja sobre a Bíblia (160-2010)**. Fátima: Difusora Bíblica, 2011. 2. ed. corrigida e aumentada.
- DUVAL, R. **Histoire politique, religieuse et littéraire d'Édesse jusqu'à la première croisade**. Paris: Imprimerie Nationale, 1892.
- EUSÉBIO DE CESARÉIA, **História eclesiástica**. Tradução das monjas beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000. Patrística, 15.
- HOWARD, G. **The Teaching of Addai**. Early Christian literature series 4; Texts and translations 16. Chico: Scholars Press, 1981.
- MALZONI, C. V. **Jesus: Messias e vivificador do mundo: Jo 4,1-42 na antiga tradição siríaca**. Paris: Gabalda, 2005.
- PHILLIPS, G. **The Doctrine of Addai, the Apostle**, now first Edited in a Complete Form in the Original Syriac with an English Translation and Notes. London: Trübner & Co., Ludgate Hill, 1876.
- PROENÇA, Eduardo de (Org.). **Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia**. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.
- SEGAL, J. B. **Edessa 'The Blessed City'**. Oxford: Clarendon Press, 1970.